

RAÇA E SEXUALIDADE TRANSGRESSIVA EM *BOM-CRIOULO* DE ADOLFO CAMINHA

Robert HOWES¹

RESUMO

Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha (1895), foi o primeiro grande romance brasileiro a tratar da homossexualidade e um dos primeiros a ter um herói negro. O artigo descreve a fortuna crítica e as fontes de inspiração históricas e literárias da obra, especialmente o caso Marinho da Cruz em Portugal. Analisa a influência da tragédia clássica e as teorias científicas contemporâneas sobre a degeneração, a homossexualidade e a miscigenação racial, concluindo que *Bom-Crioulo* é uma meditação angustiada e ambígua sobre estes temas.

PALAVRAS-CHAVE: Romance brasileiro. Homossexualidade. Gênero. Miscigenação racial. Naturalismo. Tragédia.

Bom-Crioulo de Adolfo Caminha foi a primeira grande obra literária sobre homossexualidade a ser publicada no Brasil, aparecendo em 1895 (CAMINHA, 1895a). Foi também uma das primeiras a ter um puro negro como seu herói. O romance causou um escândalo naquela época e continua a intrigar seus leitores ainda hoje, com seus surpreendentes e modernos pontos de vista sobre raça, nacionalidade, gênero e sexualidade. Aparentemente esquecido na primeira parte do século vinte, o livro é agora republicado em sucessivas edições brasileiras e traduzido para o inglês, espanhol, alemão e francês, atingindo um público internacional (CAMINHA, 1982, 1987, 1994, 1996).

Bom-Crioulo é uma obra curiosamente ambígua que tem inspirado muitas interpretações. Alguns críticos têm encarado o romance como um ataque ao castigo pela chibata na Marinha (MENEZES, 1978, p.150), outros como uma retomada dos temas literários clássicos tais como Otelo e a relação entre o cavaleiro e seu escudeiro (BARBOSA, 1982, p. 10; MARSAN, 1996, III; WHITE, 1982, p. 1893-1894) ou como um símbolo da República Brasileira (BUENO, 1994). Lúcia Miguel-Pereira (1973, p. 173) chama o romance de "o ponto alto do naturalismo", enquanto Wilson Martins (1979, p. 4:496) rotula Caminha como "o naturalista envergonhado". David Brookshaw (1986, p. 39) diz que Caminha atribui a homossexualidade de Bom-Crioulo à devassidão e imoralidade da vida escrava, resultando na incontrolável e destrutiva paixão e sexualidade. David Haberly (1983, p. 124-125) vê o romance como uma obra de "desespero total" e refere-se "à visão intensivamente pessimista de Caminha" do Brasil "preso entre a degeneração da sua população não-branca e os encantos murchos e estéreis" da Europa e de seus imigrantes. Nelson Vieira (1991, p. 119-122) interpreta *Bom-Crioulo* como exemplo de lusofobia, analisando as personagens portuguesas de Caminha "como símbolos de corrupção, desdém e exploração".

Por causa do seu tema, *Bom-Crioulo* está despertando cada vez mais interesse entre os escritores sobre o gênero e sexualidade. Aqui também, tem inspirado diversas reações. Mesmo nos anos vinte foi louvado por seu revolucionário tratamento sobre a relação homossexual (MAGALHÃES, 1920) e mais tarde, em 1967, foi desqualificado pela mesma razão.² David Foster (1991, p. 12) diz que "o que é mais impressionante sobre o romance de Caminha é a aceitação do fato da relação homossexual de Bom-Crioulo com Aleixo como algo natural", enquanto Peter Fry

¹ Pesquisador associado no departamento de português e de estudos brasileiros. NOTA: o original deste artigo foi publicado sob o título "Race and transgressive sexuality in Adolfo Caminha's *Bom-Crioulo*", *Luso - Brazilian Review*, Madison, Wisconsin, v.38, n.1, p.41-62, 2001. (King's College London).

² *O Povo*, Fortaleza, 27-28 maio 1967.

(1982) nota a influência das teorias médico-científicas do século dezenove. Numa interessante tese, Ethan Samuel Brackett (1994) analisa a facilidade com que Caminha entrelaça temas de gênero e raça ao redor da dicotomia entre homem e mulher, negro e branco, senhor e escravo, a medida que o romance se desenvolve desde a dominação inicial do grumete branco pelo antigo escravo negro (CAMINHA, 1983, p. 21), continuando pela sensação de Aleixo que Bom-Crioulo fez dele um escravo (p. 38), até o momento em que Dona Carolina se refere a Aleixo como "tua negra" (p.56-57).³ O interesse dos leitores de língua inglesa é intenso porque *Bom-Crioulo* apareceu no mesmo ano, 1895, que os processos de Oscar Wilde, vistos agora como o momento-chave na construção da moderna identidade homossexual (COHEN, 1993; SINFIELD, 1994).

Bom-Crioulo tem sido visto por críticos como ambíguo e contraditório, especialmente no seu tratamento da homossexualidade. Porque, apesar de num certo momento Caminha chamar a relação física de um "delito contra a natureza" (p. 30), os aspectos mais marcantes do romance são a clareza das descrições e a atitude descompromissada do autor sobre o tema principal. O propósito deste artigo é tentar explicar esta atitude; colocar *Bom-Crioulo* no seu contexto contemporâneo, descrevendo a reação inicial do críticos e indicando algumas possíveis fontes de inspiração; e depois sugerir uma leitura que pode ajudar a explicar o que Caminha estava tentando alcançar escrevendo o romance.

Bom-Crioulo conta a história de um escravo negro fugido, Amaro, apelidado de Bom-Crioulo, que ingressa como marinheiro na Marinha brasileira. A bordo do navio ele conhece um grumete branco de quinze anos, Aleixo, e mais tarde o seduz depois de passar por um castigo de chibata por causa dele. Quando o navio chega ao Rio, Bom-Crioulo aluga um quarto numa pensão na Rua da Misericórdia pertencente a uma amiga lavadeira portuguesa, Dona Carolina, onde ele e Aleixo passam juntos o tempo livre. Esta idílica situação acaba quando Bom-Crioulo é transferido para outro navio onde dificilmente pode obter licença para ir à terra. Deixado só, Aleixo, que já está cansado das carícias do seu amante masculino, é seduzido por Dona Carolina, que quer um jovem amante para reavivar a sua velhice enfraquecida. Aleixo começa a assumir uma mais assertiva masculinidade e esquece Bom-Crioulo. Entretanto, o cada vez mais desesperado Bom-Crioulo ausenta-se sem permissão do seu navio numa infrutífera tentativa de encontrar Aleixo. Embebedado, provoca uma briga com um estivador português e sofre um segundo castigo de chibata até perder a consciência, terminando confinado num hospital. Sem notícias de Aleixo, Bom-Crioulo fica cada vez mais consumido por uma mistura de amor, ódio e ciúmes. Finalmente, foge do hospital depois de saber que Aleixo arrumou uma namorada e se dirige para a Rua da Misericórdia, onde um comerciante lhe diz que Aleixo está vivendo com Dona Carolina. Nesse momento, Aleixo chega. Bom-Crioulo agarra-o e dá um golpe fatal em seu pescoço com uma navalha. O romance acaba com o assassino sendo levado sob escolta enquanto o povo se aglomera para ver o cadáver.

Bom-Crioulo foi publicado no final de 1895 mas estava em preparação por mais de um ano. Em *Atentados ao Pudor*, um dos primeiros tratados médico-legais brasileiros sobre homossexualidade publicado em 1894, o Dr Viveiros de Castro (1894, p. 220) notou que Caminha tinha-lhe dito que ele estava escrevendo um romance sobre o assunto. Numa carta para Sabino Batista datada em 31 de outubro de 1894, Caminha escreveu que seu livro estava no prelo e devia aparecer em dezembro (MENEZES, 1950, p. 10-11). Em 20 de janeiro de 1895, o jornal *O País* noticiou que o livro estava para ser publicado. Mais dez meses passaram até que finalmente aparecesse em novembro de 1895. Esta demora pode ter sido causada por dúvidas sobre o assunto tratado ou sobre a reação da Marinha, mas o mais provável é que tenha sido causado por dificuldades financeiras do editor. Domingos de Magalhães, português de origem, era um dos maiores editores no Rio de Janeiro mas era reconhecido por sua demora na publicação dos livros. Sua livraria tinha mudado para um novo local um ano antes e é possível que ele estava com dificuldades em pagar as suas contas.⁴

³ Os números de página citados neste artigo são da edição de *Bom-Crioulo* publicada São Paulo: Ática, 1983.

⁴ UM BIBLIOPHILO. O Livro Brasileiro. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, v. I, t. 3. n. 15, p. 181-185, 1 ago. 1895; A. DE F. Historias. *Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1895, p. 1-2; 19 dez. 1895, p. 2; *A Semana*, Rio de Janeiro, 28 abril 1894, p. 303.

Caminha estava trabalhando como funcionário público, tendo pedido demissão como oficial da Marinha em 1890, e não era membro de nenhuma panelinha literária no Rio. Já era conhecido pelo seu primeiro romance *A Normalista* (1893), por um livro de viagens descrevendo uma viagem de treinamento para os Estados Unidos, *No País dos Ianques* (1894) e pelos seus artigos de crítica que foram publicados primeiro em dois dos principais jornais diários, a *Gazeta de Notícias* e *O País*, e depois em forma de livro como *Cartas Literárias* em agosto de 1895 (RIBEIRO, 1957, 1967; AZEVEDO, 1999). Muitos escritores tinham sido alienados pelos comentários francos nestes artigos. Um hostil crítico, que o conhecia pessoalmente, comentou em 1895 que "Caminha é arroubado, birrento, rancoroso" (JUREMA, 1982), um orador de funeral referiu-se a seu "grito de desafio, um meio grito de revolta e ódio" (PAPI JUNIOR, 1897, p. 5) e um amigo, lembrando-se dele alguns anos depois de sua morte, notou sua queda por fazer inimigos (PESSOA, 1902). Um necrológio publicado quando ele morreu no início de 1897 lembrou "Singularíssimo, o caráter do Adolfo Caminha, que poucos conheciam pessoalmente e com quem raríssimos privavam na intimidade!" (LÉO, 1897). Caminha não podia, portanto, contar com amigos pessoais para assegurar uma favorável crítica de recepção.

A primeira reação quando da aparição de *Bom-Crioulo* foi de mexericos sobre a vida pessoal do autor. Como o necrológio mencionado acima escreveu: "O *Bom Crioulo*, atrevido romance naturalista, acabou por torná-lo apontado, sendo a sua obra o alvo de discussões e controvérsias, pelo cru e arrojado da descrição de um caso de depravamento moral – infelizmente não raro nem fantasioso – e imprimindo a nota escandalosa à vida pública do moço escritor" (LÉO, 1897). Apesar, ou mais provavelmente, por causa da sua notoriedade, *Bom-Crioulo* vendeu muito bem e de acordo com o seu neto, deu a Caminha um lucro de 2.000 mil-reis, mais que todos os seus outros livros juntos (LACERDA, 1957). Não é muito claro se houve ou não qualquer reação dos militares. Gastão Penalva, escrevendo em 1939 (v. 2, p. 452), disse que a Marinha estava revoltada com o livro, mas o *Brasil Militar*, o jornal que escrevia para os militares, não fez nenhuma menção sobre isso na época e, dois meses mais tarde, acusou recebimento do primeiro número de *A Nova Revista* de Caminha, que continuou a mencionar em entusiásticos termos, indicando que não havia nenhum ressentimento contra ele.⁵ Não encontrei nenhuma evidência de qualquer tentativa de proibir a primeira edição do romance apesar de que edições posteriores sofreram algumas ameaças. A segunda edição, publicada nos finais dos anos trinta ou em 1940, foi apreendida pela polícia sob a alegação de que estava divulgando propaganda comunista. O editor e a filha de Caminha apelaram ao tribunal e a proibição foi arquivada (LACERDA, 1957).⁶

A maioria dos jornais não tomaram conhecimento do romance. *O País*, na época o jornal de maior circulação, acusou recebimento de um exemplar da pre-publicação do livro em 12 de novembro de 1895 sem publicar críticas e o livro não foi mencionado pela *Gazeta de Notícias*. Uma crítica relativamente gentil por Alves de Faria apareceu na *Cidade do Rio* em 19 de novembro de 1895, notando que o livro tinha um enredo bem desenvolvido "mas não é uma evolução do autor da *Normalista*. [...] Apanha bem certas cenas e apesar desse processo naturista tão explorado de descrever atos indecentes, reais, mas repulsivos, não desagrada ao leitor" (19 nov. 1895, p. 1).

Duas outras críticas que apareceram nos jornais eram extremamente hostis. A crítica em *A Notícia* de 20-21 de novembro de 1895 apareceu na "Semana Literária", coluna assinada com as iniciais V.M., que significava Valentim Magalhães, membro fundador da Academia Brasileira de Letras e, na altura um dos maiores críticos literários, apesar de hoje completamente esquecido. Magalhães admitiu que ele gostava de livros com temas picantes mas continuou:

Ora o *Bom Crioulo* excede tudo quanto se possa imaginar de mais grosseiramente imundo. [...] não é um livro travesso, alegre, patusco, contando cenas de alcova ou de bordel, ou *noivados* entre as hervas, à lei

⁵ *O Brasil Militar*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1896, p. 3; 7 março 1896, p. 4.

⁶ Nove exemplares da tradução inglesa publicada nos Estados Unidos foram apreendidos pela alfândega britânica em 1984, juntos com outras publicações importadas sobre homossexualidade. Ver o panfleto *Gay's the Word and H.M. Customs: The Seized Titles*. London: Defend Gay's the Word Campaign, October 1984.

do bom Deus, como no *Germinal*... nada disso. É um livro ascoroso, porque explora – primeiro a fazê-lo, que eu saiba – um ramo de pornografia até hoje inédito por inabordável, por ante-natural, por ignóbil. Não é pois sómente um livro *faisandé*: é um livro podre; é o romance-vômito, o romance-poia, o romance-pus. [...] Este moço é um inconsciente, por obcecação literária ou perversão moral. Só assim se pode explicar o fato de haver ele achado literário tal assunto, de ter julgado que a história dos vícios bestiais de um marinheiro negro e boçal podia ser literariamente interessante.

Magalhães imaginava um livro em que se fazia a apologia do negro brasileiro e procurava rehabilitá-lo como elemento etnológico, pondo em evidência as suas qualidades psico-físicas: "E venho encontrar unicamente um negralhão bronco, analfabeto, completamente instintivo, e aberrantemente vicioso." Sugeriu que o livro foi baseado na própria experiência do autor e terminou por jogá-lo no caixão do lixo (20-21 nov. 1895, p. 1).

A outra crítica, que apareceu alguns dias depois em 27 de novembro de 1895 no prestigiado *Jornal do Comércio*, era mais curta e sem autoria. Depois Caminha atribuiu esta crítica ao "chefe de um estabelecimento nacional de instrução" e à "crítica do Alto Amazonas". Isto deve ter sido José Veríssimo, que era na altura diretor do Ginásio Nacional e tinha escrito um número de trabalhos sobre a região amazônica. A atribuição parece estar correta visto que é sabido que Veríssimo escreveu para o *Jornal do Comércio* mais tarde. Veríssimo era um crítico controverso mas é ainda hoje respeitado. A sua crítica era mais moderada que a de Magalhães mas igualmente destrutiva. Começou por notar a reputação de Caminha como um romancista e crítico, e então asseverou: "*Bom-crioulo* é pior do que um mau livro: é uma ação detestável, literatura à parte." Se fosse um professor de composição literária, fazendo abstração do tema escolhido, que era "baixamente repugnante", aplaudiria certas partes pelo estilo vigoroso e claro, embora por vezes incorreto, e lhe daria uma nota de progresso. Teria aconselhado o autor, contudo, de destruir o livro porque o sentimento popular atribui às obras uma semelhança com o seu autor. "Como quer o Sr. Adolfo Caminha que seja respeitado e estimado um homem que, sem utilidade alguma social, passou longos dias ocupado em analisar e discutir a psicologia improvável de nauseantes crimes contra a natureza e tenta depois com isso despertar em nós o arrepio da curiosidade impura e mórbida?" Julgava que, mais tarde, Caminha teria vergonha de ter escrito literatura pornográfica e obscena. (27 nov. 1895, p. 2)

Caminha e um amigo, Francisco Pacheco, um emigrante republicano português recém-chegado, responderam a esses ataques mas como estas respostas foram publicadas em revistas literárias, devem ter chegado a um público muito mais restrito que as críticas dos jornais. Pacheco escreveu que "O assunto é escabroso. Trata-se dum corriqueiro caso de pederastia." Resumiu o enredo do romance, referindo-se aos dois amantes como "os imundos" e comentando que "O desfecho da repugnante inversão afigura-se-nos morigerador [...] a Carolina, a boa portuguesinha, transverteu ao caminho viril o enganado [Aleixo]" Concluiu que "O 'Bom-Crioulo' é inegavelmente uma belíssima obra realista, em que pese aos valentins. [...] Caminha desenvolveu, com uma calma admirável o escabrosíssimo tema pederasta, do qual varios homens de reputação científica e literária se hão ocupado" e continuou, citando vários precedentes científicos e literários. A única ressalva era que Caminha devia ter desenvolvido mais os temas da abolição e da prostituição (PACHECO, 1895).

A resposta do próprio Caminha veio alguns meses mais tarde em fevereiro de 1896, num artigo intitulado "Um Livro Condenado", editado em *A Nova Revista*, revista literária que ele mesmo acabava de fundar. Tinha-se dado conta do prejuízo causado pelas críticas de Magalhães e Veríssimo, que não citou nominalmente. "Foi um verdadeiro escândalo o ato inquisitorial da crítica, talvez o maior escândalo do ano passado". Lembrou que todos os grandes escritores do século, Balzac, Flaubert, Zola, Huysmans, Maupassant e Eça de Queiroz tinham sido acusados de imoralidade e depois respondeu às críticas específicas feitas contra o romance. Os artigos críticos não tinham deixado muito claro o tema do romance, limitando-se a dar a impressão que se tratava

de um livro obsceno. Por isso, Caminha asseverou abertamente "Que é, afinal de contas, o *Bom-Crioulo*? Nada mais que um caso de inversão sexual estudado em Krafft-Ebing, em Moll, em Tardieu, e nos livros de medicina legal". Enfrentando as sugestões que o romance estava baseado na sua experiência pessoal, replicou "A julgar como certos imbecis, - que os personagens de um romance devem refletir o caráter do autor do romance, Flaubert, Zola e Eça de Queiroz praticaram incestos e adultérios monstruosos". Quanto à afirmação de Magalhães que o tema era novo em literatura, lembrou que tinha sido tratado no Brasil por Ferreira Leal no romancete *Um Homem Gasto* e pelo escritor português Abel Botelho em *O Barão de Lavos*. Terminou por enfatizar a seriedade do seu estudo sobre homossexualidade e ridicularizar a preferência de Magalhães por cenas de alcova e de bordel (CAMINHA, 1896).

Este artigo tem sido citado frequentemente para explicar as razões de Caminha em escrever *Bom-Crioulo* mas isto precisa ser tratado com alguma precaução. Não era um depoimento desapaixonado sobre os seus métodos de escrever mas uma tentativa de reparar o dano infligido pelos hostis comentários dos dois maiores críticos da época. O principal propósito do artigo era rebater a acusação que *Bom-Crioulo* era um romance obsceno. Com este fim, Caminha enfatizou a seriedade do trabalho, apontando os seus antecedentes literários e científicos e baseou o seu apelo à legitimidade sobre as obras dos médicos contemporâneos especializados em homossexualidade. Há uma curiosa sequela da controvérsia. O último romance de Caminha, *Tentação*, datado em 1896 mas publicado postumamente em 1897, às vezes é visto como uma obra de nostalgia sentimental pela inocência da vida provinciana. Mas era também uma réplica para Valentim Magalhães (que é transparentemente satirizado no romance como o poeta bêbado Valdevino Manhães). Magalhães tinha manifestado uma preferência por livros travessos, alegres, patuscos, contando noivados entre as hervas. O evento-chave em *Tentação* é precisamente este: um beijo roubado durante um piquenique no Jardim Botânico. Neste romance, contudo, o beijo simboliza a hipocrisia social da classe média alta carioca e a traição do dever sagrado da amizade, uma resposta amarga às aventuras alegres favorecidas por Magalhães (CAMINHA, 1979). Caminha morreu de tuberculose pouco mais de um ano depois da publicação de *Bom-Crioulo*. Francisco Pacheco aparentemente ofereceu-se para publicar uma segunda edição em Portugal mas nada aconteceu e o romance caiu na obscuridade por quase meio século (LACERDA, 1957).

Magalhães e Veríssimo sugeriram que *Bom-Crioulo* refletia a experiência pessoal do seu autor, uma possibilidade que naturalmente surge quando se discute uma obra tão explícita. Caminha era branco e vinha duma família bem estabelecida do Ceará. Questões de raça não formam um elemento muito importante da sua obra em geral. Quando cadete, protestou contra a prática dos castigos de chibata na Marinha, um método disciplinar usado para controlar os marinheiros, que eram majoritariamente não-brancos e esta questão tem um papel importante no romance. Sua primeira publicação em prosa, *Judite* (1887), descreve uma ameaça de revolta de escravos numa fazenda paulista. Escrito no auge da campanha abolicionista, as simpatias do narrador vão claramente para os escravos. No seu último romance, *Tentação*, há uma menção simpática mas convencional da velha empregada da família, Balbina. Em meio a tudo isso, no entanto, publicou *A Normalista*, que contém uma cena não relacionada com o enredo principal onde a heroína tem um pesadelo em que é violentada pelo negro que faz a limpeza da cidade (CAMINHA, 1978, p. 83). Caminha foi um dos primeiros críticos a reconhecer a importância do poeta simbolista negro Cruz e Sousa, que avaliou de maneira imparcial, e também criticou o romance de Afonso Pena, *Lupe*, pelo seu retrato enganoso do Brasil, negando a existência do preconceito racial. Numa crítica de *A Praga* de Coelho Neto, no entanto, apenas mencionou que o protagonista principal era um cafuso, certamente o aspecto mais original e signficante da novela. (CAMINHA, 1895b, p. 1-12, 97-104, 165-175) Além disso, o tema da raça é mais ou menos ausente na obra de Caminha.

A aberta discussão sobre homossexualidade em *Bom-Crioulo* levanta a questão que se Caminha era homossexual; neste caso o romance poderia ser interpretado como uma autobiografia e testemunha ou uma pioneira apologia sobre os direitos dos homossexuais. Devido ao longo tempo passado, é impossível ter certeza sobre a sexualidade do autor mas a evidência deixada pela vida e obra de Caminha não indica que ele fosse homossexual. Inicialmente, começou uma promissora

carreira como oficial naval mas aos 22 anos de idade se encontrou no centro de um escândalo em Fortaleza quando seu caso com a mulher de um oficial do Exército tornou-se público. Isabel deixou o seu marido para viver abertamente com Caminha que, pressionado pelas autoridades militares do mais alto nível, preferiu sacrificar a sua carreira, demitindo-se para levar uma vida de ostracismo social e miséria, a abrir mão de sua relação amorosa. As dificuldades que ele sofreu sugerem que foi um verdadeiro amor. Ele fez uma pública reafirmação da sua relação amorosa na página de rosto de suas *Cartas Literárias*, que leva uma proeminente dedicação a Isabel C*** (CAMINHA, 1895b).⁷

Não há nenhuma menção de homossexualidade em qualquer outro lugar em sua obra apesar de haver muitas referências aos encantos das mulheres. Em resposta aos seus críticos, Caminha rejeitou qualquer identificação do autor com seu herói: dado o seu combativo caráter, parece improvável que ele tivesse tido esta atitude se visse o romance como um veículo para assumir-se. Por outro lado, se não era homossexual, Caminha era certamente fascinado pelas relações sexuais transgressivas. Seu primeiro grande romance, *A Normalista*, foi baseado num escândalo real em Fortaleza e trata da sedução duma moça pelo seu tutor, enquanto seu último romance, *Tentação*, é sobre o adultério e a traição duma amizade. Mesmo a sua primeira obra de prosa, a novela *Judite*, que foi publicada dois anos antes dele encontrar Isabel, relata a tentativa de rapto da jovem esposa de um fazendeiro mais velho por um Dom Juan. O seu conto, "A Última Lição", publicado postumamente, trata da sedução de um adolescente por uma mulher mais velha (CAMINHA, 1977). Posto que estes são os temas tradicionais da ficção romântica, eles parecem ter tido uma particular ressonância por Caminha, que certamente não era um apologista da moralidade convencional, seja em sua vida ou em sua obra.

Se a inspiração para tratar de homossexualidade não era pessoal então nós precisamos de procurar outras fontes. Havia poucos precedentes na literatura brasileira. Em 1885, um médico, Ferreira Leal, publicou a novela *Um Homem Gasto*, retratando um homossexual de classe média alta que casa-se mas só é capaz do ato matrimonial com a ajuda de drogas e suicida-se quando não pode mais suportar. *O Ateneu* de Raul Pompeia (1888) refere-se a uma apaixonada relação entre rapazes num internato enquanto Aluísio Azevedo incluiu tres estereótipos homossexuais clássicos, um jovem efeminado, um velho sujo e uma prostituta lésbica agressiva, em seu romance naturalista *O Cortiço* de 1890. Vários romances naturalistas brasileiros trataram de outras anomalias sexuais, incluindo mulheres histéricas, ninfomania, fetiches e aborto (SÜSSEKIND, 1984, p. 120-150).

Nenhuma dessas obras oferece um precedente direto para os eventos descritos em *Bom-Crioulo*. Na defesa do seu romance, Caminha (1896, p. 41) disse que "no caráter de oficial de marinha, viu os episódios acidentais que descreve a bordo". É evidente que as descrições da vida a bordo do navio são baseadas nas experiências pessoais de Caminha e parece provável que ele observou exemplos de comportamentos homossexuais. De acordo com Pires de Almeida (1906, p. 68-69), tanto o Exército quanto a Marinha tinha uma reputação de homossexualidade durante o Segundo Império. Os oficiais no romance demonstram uma atitude pouco preocupada, mexericando sobre a relação de Bom-Crioulo com Aleixo (p. 21). Apesar disso, alguns marinheiros foram processados por sodomia. Um caso que ocorreu em 1884 envolvendo um carpinteiro naval e um praça tem alguma semelhança com os eventos relatados em *Bom-Crioulo*. Caminha era um cadete na Escola da Marinha do Rio de Janeiro naquele tempo, assim é possível que ele soubesse deste caso (BEATTIE, 1997, p. 74-75).

Mais facilmente acessíveis eram as reportagens dos jornais. *Bom-Crioulo* está situado durante o Império de D. Pedro II, algum tempo antes da abolição da escravatura em 1888. Caminha era um oficial naval na ativa entre 1886 e 1889 e parece que baseou-se em suas recordações deste período não apenas por suas descrições da vida a bordo mas por outros incidentes dentro do romance. Durante o seu tempo na Marinha, dois eventos ocorreram que foram noticiados nos jornais e que juntos tem uma semelhança notável com os eventos descritos no romance. Um desses eventos aconteceu em março de 1888 e envolveu o suposto assassinato de um grumete pardo de 16 anos,

⁷ A dedicação reza "A Isabel C***. Quero que o nome dela fulgure como uma legenda de ouro à primeira página de meu livro..." (Caminha 1895b, sem pag.).

André Nogueira. Os detalhes deste caso como foram noticiados pela imprensa carioca eram confusos mas um relato disse que Nogueira foi assassinado na Rua da Misericórdia, onde o romance é parcialmente situado. No final, soube-se que Nogueira não tinha sido assassinado mas tinha desertado. O suposto assassinato foi relatado sob o cabeçalho "O grumete assassinado".⁸ Caminha estava no Rio naquela época e quase com certeza teria sido informado sobre o caso porque o mesmo estava ligado a uma série de brigas de rua entre a polícia e os marinheiros que tinham irritado a Marinha inteira. Há uma breve referência sobre isso no final do capítulo 1 (p. 16).

Outra provável fonte de inspiração foi um celebrado caso que ocorreu não no Brasil mas em Portugal. Em 22 de abril de 1886 um cadete da prestigiada Escola do Exército atirou fatalmente em seu colega numa rua próxima a escola em Lisboa. O assassinato causou um grande escândalo e foi relatado com detalhes nos jornais portugueses por vários dias. Inicialmente, o caso foi referido como o crime do Largo de Mitelo, lugar onde ocorreu, mas logo ficou conhecido como o caso Marinho da Cruz, por causa do nome do assassino, o alferes António Augusto Alves Martins Marinho da Cruz. Marinho tinha 24 anos e vinha de uma família de classe média de Portalegre, enquanto a sua vítima, António Candido Pereira, de 21 anos, era o filho de uma família pobre do Funchal, na Ilha da Madeira. A medida que os repórteres investigaram as circunstâncias à volta do crime, tornou-se evidente que os dois companheiros tinham, aparentemente, tido uma relação homossexual.⁹

O assassinato resultou em dois processos militares, que se estenderam por mais de dois anos, tornando o acontecimento numa causa celebre. Em ambos processos, Marinho da Cruz foi defendido pelo conselheiro Tomás Ribeiro, um distinto advogado, homem de estado e poeta, que argumentou que o réu estava sofrendo de insanidade temporária causada por um ataque epiléptico e portanto não podia ser considerado responsável pelos seus atos. O caso tornou-se um campo de debate importante sobre a influência de novas teorias psiquiátricas na área de assuntos judiciais e de medicina legal em Portugal. No primeiro processo, a defesa chamou como testemunhas os alienistas (ou psiquiatras) portugueses mais reputados daquela altura, que classificaram Marinho da Cruz como um degenerado hereditário e epiléptico larvado [latente] que sofria ataques epilépticos e crises impulsivas, o equivalente mental de ataques convulsivos. Argumentaram que tinha cometido o crime durante um desses ataques, os quais, sendo irresistíveis e inconscientes, renderam-lhe absolutamente irresponsável. Um médico militar, chamado a testemunhar pela acusação, por outro lado, disse que não tinha visto nenhum sinal de insanidade ou epilepsia durante o tempo que Marinho estava sob sua observação. Pela maioria dos votos, o tribunal considerou o réu inocente mas ordenou que o mesmo fosse enviado para um hospital psiquiátrico como um perigo para a sociedade.

O veredito causou uma imediata reação de protesto na imprensa portuguesa e questões no Parlamento. Naquela época, Portugal não tinha nenhum estabelecimento próprio para reclusão de doentes mentais criminosos. Por isso Marinho seria tratado como um paciente mental comum e poderia teoricamente ser liberado se os médicos julgassem que estava curado. Isto, segundo os jornais, deu carta branca para qualquer um matar com impunidade, alegando temporária insanidade. Um editorial em *O Ocidente* resumiu o ponto de vista popular. Referiu-se à crescente intervenção da medicina em assuntos criminais e concordou que um crime podia ser atribuído a uma doença mental quando não havia nenhum motivo óbvio. No entanto, quando havia razões lógicas por um crime, não havia necessidade de se procurar explicações científicas modernas. No presente caso, "provou-se claramente que foi o ciúme que se apoderara completamente do espírito do assassino. E

⁸ Artigos sob o cabeçalho "O Grumete Assassinado" e "O Grumete André Nogueira", *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 4, 9, 11, 12, 13, 14, 15 e 16 março 1888.

⁹ O caso foi muito divulgado. Esta versão está baseada nos relatos publicados pelos seguintes jornais portugueses: *Diario de Noticias*, Lisboa, 24 abril 1886; 5, 6, 7, 9, 11, 12, 13, 29 julho, 3, 5 ago. 1887; 1, 2, 3, 4, 5, 6, 26, 30 ago, 3, 6 set. 1888; *Diario Popular*, Lisboa, 24, 26, 27 abril 1886; 5, 6, 7 julho 1887; 2, 3, 4, 5, 10, 11, 26 ago. 1888; e *Novidades*, Lisboa, 23, 24, 26, 29 abril, 2 maio, 18 julho 1886; 4, 5, 6, 7, 8, 10 julho 1887; 25, 29 ago. 1888. O caricaturista célebre Rafael Bordalo Pinheiro publicou um retrato de Marinho da Cruz em *Os Pontos nos ii*, 7 julho 1887, p. 212-213. O caso é mencionado por Monteiro (1922, p. 196).

tendo nós o ciúme a explicar o crime, para que demônio precisamos procurar-lhe mais explicações, quando essa explicação é tão cabal, tão lógica, tão profundamente humana".¹⁰

A acusação imediatamente apelou, o veredito foi cassado e um novo processo pedido. O segundo processo militar aconteceu um ano mais tarde em agosto de 1888 com Tomás Ribeiro outra vez advogado de defesa. Desta vez, um talentoso advogado de acusação indicou inconsistências na opinião médica e erros evidentes nos relatórios médicos. A defesa produziu uma carta do criminologista italiano Cesare Lombroso confirmando que Marinho era um epilético larvado mas depois de duas horas de debate, o tribunal considerou por unanimidade o réu culpado e o sentenciou a oito anos de prisão e vinte anos de degredo. O apelo da defesa foi rejeitado e em 5 setembro de 1888 em frente de uma multidão no Castelo de São Jorge, Marinho foi formalmente expulso do Exército, o primeiro oficial português a sofrer este castigo desde as guerras civis da primeira parte do século. Seis anos mais tarde, em setembro de 1894, foi transferido da prisão e degredado para Angola. Por pura ironia, Tomás Ribeiro foi designado como o novo ministro português para o Brasil quando os dois países reataram suas relações diplomáticas depois da revolta naval brasileira, chegando ao Rio em maio de 1895, alguns meses antes da publicação de *Bom-Crioulo*.¹¹

Quando o veredito do segundo processo foi anunciado, foi a vez da profissão médica protestar. Um amargo editorial da revista quinzenal *A Medicina Contemporânea*, que apareceu consecutivamente em dois números, condenou a pressão exercida pela imprensa no processo judicial e a falta de respeito demonstrada para com as testemunhas médicas pela acusação.¹² Apesar de o caso ter causado um grande impacto popular em Portugal, as questões debatidas durante o processo não eram de maneira alguma excepcionais. As mesmas questões eram levantadas ante os tribunais na Inglaterra, França e outros países ao longo do século dezanove, a medida que os médicos e advogados se esforçavam para entender os avanços das teorias científicas na área das doenças mentais e suas implicações para o tratamento dos criminosos. A dificuldade em provar a presença da insanidade quando não havia sinais óbvios de comportamento, os limites da responsabilidade pessoal, o confronto entre os discursos médico e legal, os ciúmes profissionais e a interferência da opinião popular expressa através da imprensa, todos estes fatores que apareceram durante o caso de Marinho da Cruz ecoaram em outros processos com resultados que eram tão contraditórios como os veredictos desses dois processos (SMITH, 1981). A opinião pública, como foi expressa pela imprensa portuguesa, estava em sua grande maioria contrária a Marinho. A única personalidade pública a lhe dar apoio foi o célebre romancista popular Camilo Castelo Branco, um amigo pessoal de Tomás Ribeiro e famoso por suas transgressões sexuais com mulheres, que enviou uma carta aberta datada de 12 de dezembro de 1887 expressando simpatia por Marinho (PINTO, 1888, [14]).

Caminha não se refere diretamente a Marinho da Cruz nem no romance nem no artigo "Um Livro Condenado" e não há provas definitivas que ele estava ao par do caso. Há, no entanto, fortes evidências circunstanciais que apontam nesta direção. Quando o assassinato ocorreu, Caminha estava em sua viagem de treinamento para os Estados Unidos a bordo do *Almirante Barroso*, mas estava de volta ao Rio na altura do primeiro processo. O assassinato e ambos processos foram divulgados pela imprensa brasileira.¹³ A reportagem do assassinato publicado em *O País* apareceu na mesma página que o relato da escala do *Almirante Barroso* na Jamaica. Caminha bem podia ter visto esta reportagem quando preparava o seu próprio relatório de viagem, mais tarde publicado como *No País dos Ianques*. O correspondente de *O País* em Lisboa comentou que o caso parecia ter sido "arrancado às páginas de algum romance obscuro".¹⁴ Francisco Pacheco (1895), o amigo português de Caminha, referiu-se explicitamente ao caso em sua crítica ao lado das mesmas

¹⁰ Gervasio LOBATO. *Chronica Occidental. O Occidente*, Lisboa, v. 10, n. 308, 11 julho 1887, p. 153-154.

¹¹ *Mala da Europa*, Lisboa, 19 set. 1894, p. 3; 3 out. 1894, p. 2; v. I, n. 23 [i.e. 22], Número extraordinário, [6 maio 1895], p. 1-3.

¹² *A Medicina Contemporânea*, Lisboa, 2 set. 1888, p. 287-288; 16 set. 1888, p. 303-304.

¹³ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 maio 1886, p. 2; 4 ago. 1887, p. 2; 23 ago. 1888, p. 3; 22 set. 1888, p. 1; *O Paiz*, Rio de Janeiro, 14 maio 1886, p. 2; 23 julho 1887, p. 2; 19 ago. 1887, p. 2; 26 ago. 1888, p. 3.

¹⁴ *O Paiz*, Rio de Janeiro, 14 maio 1886, p. 2.

autoridades médicas e legais que Caminha citou em sua defesa. Além de ter sido amplamente divulgado na imprensa, o caso também gerou um número de comentários médicos-legais (RIBEIRO, 1886; LUCAS, 1887; PINTO, 1888; MATTOS, 1890, p. 160-162).

Há também uma quantidade considerável de evidências internas no romance, especialmente no enredo e no personagem de Aleixo. O jornal lisboeta *Diário Popular* descreveu as circunstâncias do caso nos seguintes termos, começando com a descrição da vítima, António Candido Pereira:

Tinha atualmente 21 anos, era baixo, quase imberbe, muito branco, aloirado, de olhos grandes, animados, fisionomia bondosa e simpática. Conta-se que pouco depois de haver chegado a Lisboa, Marinho da Cruz se lhe afeiçoara e o convidara para ir residir com ele num quarto que tinha alugado, e que Pereira aceitara porque [...] era muito pobre. Desde então eram companheiros inseparáveis em toda a parte. Parece que entre os colegas se levantaram, pelos costumes menos decentes que eram atribuídos a Marinho da Cruz, suspeitas acerca da honestidade daquelas relações; daí vieram gracejos e comentários desfavoráveis para os dois, e que eles repeliam indignados. Crescendo a má reputação que principalmente recaía sobre o Pereira, este resolveu mudar de residência e ir viver só; [...] Dedicara-se seriamente ao estudo e cortara as relações com Marinho da Cruz. [...] Num caráter tão irregular como o de Marinho da Cruz parece que todos estes fatos causaram uma terrível impressão. Passou a odiar o Pereira; não podia levar à paciência a quebra de relações, e mais se diz que o seu furor aumentara desde que soubera que o Pereira tinha amores com uma rapariga que por este se apaixonara. Todas estas circunstâncias é que parece terem sido o móvel do crime. Ultimamente Marinho da Cruz abusava das bebidas alcóolicas [...].

Uma reportagem semelhante apareceu em *Novidades*¹⁵

Os acontecimentos descritos acima se assemelham ao enredo de *Bom-Crioulo*. O momento decisivo do romance acontece quando Bom-Crioulo fica sabendo por Herculando que Aleixo está tendo um romance com uma garota. Demais, a descrição de Pereira é quase idêntica ao retrato que Caminha faz de Aleixo: "um belo marinho de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se 'cousas'" (p.16). Aleixo também vem duma família pobre (p. 22) "com os seus olhinhos azuis, com o seu cabelo alourado". (p.23) O caso Marinho da Cruz girava em torno da questão de ciúmes contra insanidade temporária. Ciúmes é a emoção que movimenta o enredo em *Bom-Crioulo* mas a medida que, depois do segundo castigo pela chibata, o romance avança para seu trágico climax, a linguagem de amor e ciúmes se mistura com a da loucura e perda da razão. No momento em que Bom-Crioulo chega até a casa da Rua da Misericórdia, ele treme "como um epilético. [...] Transfigurava-se, enlouquecia de ódio, espumava de cólera, de raiva, de ciúme!" (p.77).. No final, o leitor, exatamente como os juizes no julgamento de Marinho da Cruz, não tem mais certeza se Bom-Crioulo mata Aleixo num ímpeto de ciúmes ou de insanidade.

Portanto, parece muito provável que Caminha estava ciente do caso Marinho da Cruz. O resto deste artigo está fundamentado na tese de que Caminha se inspirou nos relatos jornalísticos deste caso e do suposto assassinato do grumete Nogueira para criar *Bom-Crioulo*. *Bom-Crioulo* é, contudo, muito mais do que um relato de fatos reais em forma de ficção. Significativamente, o romance termina no momento em que começam as reportagens jornalísticas e o processo judicial do caso Marinho da Cruz. No entanto, esses eventos trazem algumas pistas importantes para avaliar a motivação de Caminha em escrever o romance. Primeiramente, é importante notar que Marinho foi julgado por assassinato e não por homossexualismo. Sua relação com Pereira foi um elemento

¹⁵ *Diário Popular*, Lisboa, 24 abril 1886, p. 2; *Novidades*, Lisboa, 23 abril 1886, p. [1].

essencial no caso mas a questão de homossexualismo não foi central. Em segundo lugar, apesar das semelhanças serem flagrantes, há também algumas diferenças importantes em relação ao local, classe e raça dos protagonistas. Caminha transferiu o local de Portugal para o Brasil mas foi além duma troca de país. Marinho da Cruz era de classe média alta e branco ao passo que Bom-Crioulo é negro e, como os outros personagens no romance, pobre. Em terceiro lugar, enquanto fazia essas mudanças, Caminha decidiu manter o aspecto homossexual da relação central em vez de alterá-lo para uma relação heterossexual.

Bom-Crioulo é normalmente incluído entre as obras naturalistas brasileiras por causa de seu tema explicitamente sexual e meio social baixo. Estruturalmente, no entanto, o romance é uma tragédia (LOOS, 1963, p. 87-88). Um precedente óbvio, o *Otelo* de Shakespeare, tem sido comentado por vários escritores (BARBOSA, 1982, p. 10; VILLANUEVA-COLLADO, 1995; MARSAN, 1996) e o próprio Caminha compara o ódio ciumento de Bom-Crioulo pelo grumete com as "cóleras de Otelo" (p. 71). Como *Otelo*, *Bom-Crioulo* é uma tragédia passional e há um claro paralelo nas relações inter-raciais, como também no assassinato do objeto de desejo pelo enciumado amante (BRADLEY, 1978, p.175-242). Há, no entanto, importantes diferenças. Os ciúmes de Bom-Crioulo não surgem da intriga mas de fontes internas: o sentido de posse do antigo escravo desempenha o papel de Iago ao passo que Aleixo não é uma Desdemona, nem no comportamento nem nos atos.

Um modelo mais esclarecedor é a tragédia clássica grega, que influencia não só os pequenos detalhes mas também o enredo e a descrição dos personagens. Não se sabe se Caminha leu Aristóteles mas *Bom-Crioulo* tem a maioria dos elementos da tragédia descrita na *Poética*. O enredo tem uma unidade de ação porque está focalizada no amor de Bom-Crioulo por Aleixo. Contém um reverso da situação (*peripeteia*) quando a felicidade doméstica de Bom-Crioulo é de repente destruída por sua transferência para outro navio, separando-o de Aleixo, e reconhecimento (*anagnorisis*) quando ele descobre por Herculano que Aleixo tem uma namorada e, depois, que esta é Dona Carolina. Há sofrimento (*pathos*) nos castigos pela chibata e na doença que Bom-Crioulo sofre enquanto está no hospital e *catharsis* quando a vida de rua volta ao normal depois do assassinato. Mesmo a morte aparentemente anti-climática de Aleixo segue a regra clássica por ser mais aludida do que descrita. Além disso, Bom-Crioulo tem muitas das características de um trágico herói descrito por Aristóteles. Não é nem totalmente bom nem totalmente mau mas um personagem entre esses dois extremos. Apesar da sua baixa classe social, tem as qualidades heroicas de força física, coragem, compaixão e perseverança, qualidades que ele demonstra quando sofre os castigos, salva Dona Carolina dos ladrões e ajuda o homem sofrendo um ataque epiléptico. Tanto os oficiais quanto os marinheiros têm medo dele e o respeitam. Mas, mesmo assim, ele não é perfeito: às vezes se embriaga e se torna incontrolavelmente violento. O cerne de um bom enredo, de acordo com Aristóteles, é uma troca de prosperidade com desgraça "ocasionada não por devassidão mas por algum grande erro" da parte do herói. Estrictamente falando, o erro de Bom-Crioulo é levar Aleixo para a casa de Dona Carolina. Isto abre o caminho para que ela seduzisse o rapaz, tendo como resultado o desfecho trágico. Um conceito relacionado, não estrictamente aristoteliano mas frequentemente associado à tragédia clássica, é do defeito fatal. Nesse contexto, a homossexualidade pode ser interpretada como o defeito fatal de Bom-Crioulo, ajudando a explicar o contraste entre a ênfase sobre a masculinidade de Bom-Crioulo e as explícitas descrições da sua relação homossexual com Aleixo. Apesar de estereótipos convencionais associarem homossexualidade com efeminação, masculinidade é um dos atributos de Bom-Crioulo como trágico herói, ao passo que é o seu insaciável desejo sexual pelo rapaz que conduz ao desfecho fatal.

Vários escritores do século dezanove, incluindo George Eliot, Henry James e Thomas Hardy, tentaram escrever uma tragédia em forma de romance (KING, 1978, p. 1-15). Uma das dificuldades que encontraram foi de reconciliar a ênfase trágica sobre as façanhas heroicas dos personagens de classe alta com os temas mais cotidianos do romance. Caminha tentou resolver este problema fazendo seus personagens representar tendências sociais mais amplas. Isto pode ser visto se examinássemos uma das influências literárias de *Bom-Crioulo*, visto que é provável que Caminha escolheu o nome Amaro para seu herói negro como referência de *O Crime de Padre Amaro*, de Eça de Queirós. À primeira vista, parece que não há muita semelhança entre *Bom-Crioulo* e o romance

clássico de Eça sobre intrigas do clero e a hipocrisia religiosa numa província de Portugal. Caminha, contudo, admirava Eça, referindo-se repetitivamente a ele em suas *Cartas Literárias*, e a escolha de Amaro como nome do seu herói dificilmente pode ser considerada acidental porque ambos romances têm como cenário uma rua chamada da Misericórdia, uma em Leiria e outra no Rio de Janeiro. Há, na verdade, uma semelhança fundamental entre os dois romances, porque ambos tratam de uma paixão transgressiva que leva à tragédia e ambos usam estas domésticas tragédias para revelar como funciona a sociedade em geral. Apesar de localizado num pequeno segmento da burguesia provinciana, *O Crime do Padre Amaro* dá um retrato panorâmico da sociedade portuguesa daquela época, partindo da influência aristocrática que inicialmente assegura ao Padre Amaro a cobiçada paróquia de Leiria e mais tarde o protege das consequências do seu crime, passando pela classe média livre-pensadora para chegar até à ama pobre que mata o bebê. Eça liga o elemento pessoal ao político para retratar uma sociedade num período de transição. No debate contemporâneo sobre a criação de uma literatura nacional brasileira, Caminha adotou uma linha nacionalista moderada (1895b. p. 41-48). Ele parece ter incluído a alusão a Eça para traçar um paralelo com o escritor português e, ao mesmo tempo, para enfatizar sutilmente o aspecto brasileiro da sua obra, distinguindo-a da literatura portuguesa. Em contraste com as chuvas do romance português, Caminha repetidamente evoca o brilhante sol tropical da Bahia de Guanabara, enquanto o apelido do seu herói, denotando um negro de boa índole nascido no Brasil, indica que este é um Amaro diferente do padre cínico de Eça.

O Brasil, na altura em que Caminha escreveu *Bom-Crioulo*, estava numa situação muito diferente da de Portugal mas também era uma sociedade em transição. Os dois maiores obstáculos institucionais para a mudança, a escravidão e a monarquia, tinham sido aniquilados apenas para iniciar um período de instabilidade política e económica. Em 1894, o triunfo da burguesia cafeeira ainda não estava assegurado e o futuro do país parecia confuso e incerto. *Bom-Crioulo* foi escrito numa época de inflação crónica, ditadura militar, política extremista, nacionalismo xenofóbico e a ameaça de guerra civil. Em setembro de 1893, a Marinha se rebelou contra o governo militar chefiado por Floriano Peixoto e bombardeou a cidade, como Caminha observou num dos seus artigos críticos, que foi literalmente escrito ao som do bombardeio (1895b, p. 69-87).¹⁶ Detrás das vicissitudes políticas cotidianas, contudo, a maior questão enfrentada pela sociedade brasileira permanecia a mesma que durante os últimos dias do Império: como assegurar o desenvolvimento económico e a força de trabalho necessária para atingi-lo. Começando na década de 1870, alguns membros da elite dos fazendeiros, que percebiam que a abolição da escravatura seria inevitável, tinham começado a advogar a promoção da imigração europeia em grande escala para suprir a mão de obra para a agricultura, relegando os trabalhadores nascidos no Brasil, na maioria negros ou mestiços, para um papel marginal. A medida que a escravidão desintegrava-se no final da década de 1880, os escravos negros libertos deixaram as fazendas dirigindo-se para as cidades e litoral, onde provocavam temores de uma onda de crimes. Ao mesmo tempo, uma corrente crescente de imigrantes brancos, muitos deles portugueses, começava a chegar da Europa. Entre os imigrantes europeus também vieram muitas prostitutas, que formavam um elemento proeminente e muito comentado do Rio de Janeiro da bela época (AZEVEDO, 1987; ENGEL, 1989; SOARES, 1992; MENEZES, 1992).

Em *Ao Vencedor as Batatas*, Roberto Schwarz atribui os defeitos aparentes da maioria dos romances brasileiros do século dezanove à sua incapacidade para refletir uma realidade social baseada na escravidão e no favor, em contradição com os valores económicos burgueses de seus modelos franceses (1981, p. 13-28, 29-60). *Bom-Crioulo*, no entanto, reflete a realidade social. Assim como o padre em *O Crime do Padre Amaro* representa um elemento-chave na sociedade portuguesa, também os dois principais protagonistas de Caminha representam as duas maiores fontes da força de trabalho para o crescimento da economia brasileira: os escravos libertos e os imigrantes europeus. No romance nos é dado um mínimo de informação biográfica o suficiente para fazer os personagens figurarem como representantes de suas classes. *Bom-Crioulo* fugiu da fazenda e Dona Carolina começou como prostituta, indo e voltando entre Portugal e Brasil antes de

¹⁶ Os florianistas ofereceram-lhe um comando de navio mas Caminha recusou (PENALVA, 1939, v. 2, p. 467).

se estabelecer no Rio como uma quase respeitável dona de pensão, uma carreira bastante comum na época. Caminha vai além dos personagens representativos, contudo, para as raízes das relações sociais. Em sua tese sobre gênero e raça em *Bom-Crioulo*, Ethan Samuel Brackett (1994) mostrou como Caminha usa o discurso da escravidão para revelar as mudanças nas relações de poder entre os três principais personagens. Mas este discurso é anacrônico e enganoso porque nenhum dos personagens, na verdade, é escravo. As relações entre eles são baseadas na troca de favores. Aleixo se submete aos desejos sexuais de Bom-Crioulo porque é grato pela proteção do marinheiro e atraído por sua promessa de lhe mostrar uma vida mais excitante no Rio. A amizade de Dona Carolina com Bom-Crioulo é derivada de sua gratidão para com ele por a ter salvo dos ladrões. Os personagens são escravizados não pela sociedade mas pelas suas paixões. São essas paixões que terminam por quebrar as relações tradicionais de favor.

Na esfera internacional, a década de 1890 foi também um período de mudanças. Caminha estava escrevendo no ponto alto do imperialismo e da ascensão cultural da Europa (NEEDELL, 1987). As *Cartas Literárias* demonstram que ele compartilhava da admiração da elite brasileira pela cultura francesa mas também estava ciente do potencial perigo para o Brasil do expansionismo europeu. Esta ameaça está simbolizada no romance pelo navio inglês trazendo imigrantes italianos, o qual rapidamente ultrapassa o lento navio de guerra brasileiro com sua tripulação de negros e mulatos, e a inspeção superficial do navio feita pelo oficial da marinha inglesa parecido com o rei da Alemanha (p. 26, 32). O surto imperialista foi acompanhado por um rápido desenvolvimento da ciência europeia e uma crescente medicalização da sociedade. Como nós vimos, *Bom-Crioulo* foi provavelmente inspirado por um caso no qual a jurisprudência liberal tradicional, baseada na responsabilidade individual, tinha confrontado as novas ideias científicas positivistas sobre a insanidade criminal. A defesa de Marinho da Cruz foi baseada nas teorias de Cesare Lombroso, o mais conhecido e mais controverso dos fundadores da nova disciplina de criminologia, na altura conhecida como antropologia criminal. A fama de Lombroso era devida à sua teoria do tipo criminal, identificável por certas características físicas e, embora o seu método começasse a ficar desacreditado no início da década de 1890, as suas idéias sobre a hereditariedade e o atavismo continuaram a exercer uma forte influência na imaginação popular por muitos anos.

As idéias de Lombroso e grande parte do pensamento científico do período assentavam-se sobre um conjunto de teorias sobre degeneração. Derivando do trabalho do zoólogo Lamarck e da obra de Morel *Traité des dégénérescences*, de 1857, a teoria da degeneração argumentava que organismos estavam aptos a adaptar-se a influências externas nocivas duma maneira que se tornou destrutiva a longo prazo. A teoria aceitava fatores tanto ambientais como biológicos e era suficientemente flexível para suprir uma explicação para uma grande variedade de fenômenos sociais, tais quais crimes e comportamento anti-social. As teorias de Lombroso eram apenas as mais extremas das muitas linhas da teoria de degeneração que, no final do século dezanove, permeava muitos aspectos do discurso científico, político e literário, particularmente na França, contribuindo para o pessimismo cultural que marcava a Europa do fim do século. Sua influência era simbolizada pela popularidade do livro de Max Nordau *Entartung [Degeneração]*, publicado em muitas edições alemãs e traduções na década de 1890 (GREENSLADE, 1994; NYE, 1984; PICK, 1989; PYKETT, 1996).

Estas idéias formavam o contexto intelectual para a criação de *Bom-Crioulo*, marcando presença direta e indiretamente. Caminha estava ciente das teorias científicas que emanavam da Europa. Incluiu nas *Cartas Literárias* uma bem informada crítica do *Novo Direito Penal* de Viveiros de Castro, notando sua dívida com as idéias de Lombroso, as quais respeitava sem endossá-las (CAMINHA, 1895b, p. 201-208). Caminha se sentia particularmente desconfortável sobre o determinismo biológico, com seu corolário da degeneração inevitável. Apesar da sua reverência por Zola, concordava com os críticos que as idéias do mestre sobre hereditariedade eram errôneas (CAMINHA, 1895b, p. 23-40). As nuances do ponto de vista de Caminha eram demonstradas pelo tratamento em *Bom-Crioulo* da masturbação, que ele descreve como um excesso que os médicos condenavam. Este era o ponto de vista aceito da época e assim no início do romance Caminha atribui os sintomas enfermicos clássicos do masturbador para Herculano, o marinheiro pego em flagrante delito no convés (p. 12-14). Essas atividades noturnas, no entanto,

não condenam Herculano para um declínio irremediável, como alguns médicos contemporâneos argumentavam: ele reaparece mais tarde no romance, cheio de saúde e de energia (p. 72). Há nisso uma negação implícita do determinismo biológico, mostrando que Caminha, embora aceitasse alguns aspectos do pensamento científico contemporâneo, rejeitava as mais extremas e pessimistas conclusões associadas com a teoria de degeneração (FRY, 1982).¹⁷

Caminha estava igualmente interessado nos aspectos estéticos do relacionamento entre a ciência e a literatura. Zola, que em 1880 demonstrou no *Le roman experimental* a dívida teórica do naturalismo para o método científico, na prática continuava a usar artifícios literários nos seus romances para obter efeitos artísticos (NALBANTIAN, 1983, p. 128). Nos seus artigos críticos, Caminha atacava o uso da fraseologia científica nas obras literárias (1895b, p. 139-145) e tinha o cuidado de evitar tal linguagem em seu romance. As implicações para *Bom-Crioulo* podem ser vistas comparando-o com um romance português, *O Barão de Lavos* de Abel Botelho, publicado em 1891, o qual conta a história de um relacionamento erótico triangular entre um aristocrata lisboeta, sua esposa e um menino de rua, Eugénio. Como em *Bom-Crioulo*, a relação homossexual entre o barão e Eugénio é o tema central e a natureza física das relações entre os dois é claramente descrita. Caminha estava certamente ciente da obra do escritor português antes de escrever *Bom-Crioulo* e referiu-se a ele mais tarde no artigo "Um Livro Condenado" (1895b, p. 157-164; 1896; ALCOFORADO, 1988). É digno de nota, contudo, que ele não cita Abel Botelho como uma autoridade nas *Cartas Literárias*, embora tivesse frequentemente se referido a outros escritores portugueses contemporâneos. Obviamente, Caminha não via Botelho como um modelo de escritor.

As razões tornam-se mais claras se compararmos os dois romances, notando os contrastes de linguagem e enredo. *O Barão de Lavos* está escrito numa linguagem médico-científica distorcida e obscura, com um enredo controlado pelas ideias da teoria da degeneração na sua forma lombrosiana mais extrema. Botelho dá ao leitor uma detalhada genealogia da família do barão para explicar suas inclinações pederastas, terminando: "O atavismo fez explodir neste [o Barão] com rábida energia todos os vícios constitucionais que bacilavam no sangue da sua raça, exagerados numa confluência de seis gerações, de envolta com instintos doidos de pederasta, inoculados e progressivamente agravados na sociedade portuguesa pelo modalismo etnológico da sua formação" (BOTELHO, 1982, p. 26). Consequentemente, o romance de Botelho faz pouco mais do que seguir o inexorável declínio do barão até sua morte na sarjeta, reforçando as ideias negativas convencionais sobre homossexualidade. Isto foi notado por alguns críticos portugueses aquando da publicação do romance, o qual foi em geral bem aceito. Do ponto de vista estético, os críticos têm sempre destacado o uso excessivo da linguagem científica desde o lançamento do romance. O escritor inglês Aubrey Bell (1970, p. 321) resumiu este ponto de vista de forma sucinta: "Isto deve ser patologia magnífica mas não é arte nem literatura."

Caminha, por outro lado, nada nos conta sobre as origens de *Bom-Crioulo*. Seu romance evita a terminologia médica distorcida de Botelho e as palavras médicas que usa são geralmente da linguagem popular. Ocasionalmente, escorrega num vocabulário mais especializado mas com o fim de negar suas implicações. Isto fica evidente na descrição de *Bom-Crioulo* em sua primeira aparição: "um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração decadente e enervada" (p.15). Caminha não opina sobre as causas da homossexualidade, quando o seu herói reflete: "Nunca se apercebera de semelhante anomalia, nunca em sua vida tivera a lembrança de perscrutar suas tendências em matéria de sexualidade" (p.32).

O Barão de Lavos constituiu um precedente ao descrever homossexualidade numa obra de ficção mas Caminha rejeitou tanto a linguagem como a filosofia degeneracionista que forma a base do romance português. Isto não quer dizer, contudo, que ele rejeitava todos os aspectos da ciência contemporânea. O final do século dezenove viu o desenvolvimento do modelo médico da homossexualidade (MERRICK; RAGAN JR., 1996; ROSARIO, 1997) e em "Um Livro Condenado" Caminha referiu-se a três dos especialistas mais destacados na área, o médico-legista francês,

¹⁷ As reservas de Caminha sobre a medicina contemporânea são evidentes na descrição negativa do hospital naval (CASTRO, 1997, p. 86-87).

Ambroise Tardieu, e dois psiquiatras alemães, Richard von Krafft-Ebing e Albert Moll. Ele tinha um exemplar do *Étude médico-légale sur les attentats aux mœurs* de Tardieu, publicado em 1857, e citou a tradução francesa de *Die conträre Sexualempfindung* de Moll, publicado no original em 1891 e em francês em 1893. Fica menos claro se ele tinha lido a *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing, publicado em alemão em 1886 mas apenas traduzido para o francês em 1895, embora houvesse uma tradução anterior para o italiano, publicado em 1889. Pode ter lido resenhas e obras secundárias tais como os *Atentados ao Pudor* de Viveiros de Castro, de 1894, o qual cita os três escritores (CASTRO, 1997). Num certo ponto, apesar de normalmente preferir a mais popular "pederasta", Caminha usa a palavra "uranista" (p. 60), que vem da palavra alemã "Urning", inventada pela pioneiro ativista gay, Karl Ulrichs, e utilizado por Krafft-Ebing e por Moll. Usa o ainda relativamente novo termo "homossexualismo" em "Um Livro Condenado" mas não no romance.

Caminha evita as descrições fisiológicas detalhadas encontradas em Tardieu mas deixa claro que Bom-Crioulo é o parceiro ativo e Aleixo o passivo. Essencialmente, o relacionamento dos dois segue o modelo clássico grego de pederastia, ou seja, um amante mais velho [*erastes*] e um amado mais jovem [*eromenos*] (DOVER, 1978, p. 15-17, 171). Caminha se refere ao desejo de Bom-Crioulo por Aleixo como "o seu forte desejo de macho torturado pela carnalidade grega" (p.30). Bom-Crioulo desempenha o papel tradicional do *erastes*, ensinando ao jovem como se comportar enquanto marinheiro, e no começo Aleixo desempenha fielmente o papel do *eromenos*, aprendendo com os conselhos do mais velho e mostrando sua gratidão pela submissão sexual. Esse modelo fracassa porque a paixão avassaladora de Bom-Crioulo não dá espaço para o crescimento de Aleixo. O pederasta clássico devia casar-se, abandonando as relações com rapazes como uma fase meramente passageira, mas o herói de Caminha não tem família e nenhum interesse em mulheres. Ele é exclusivamente homossexual e inteiramente apaixonado pelo garoto. Outros retratos literários da época, tais como Des Esseintes de Huysman, Dorian Gray de Oscar Wilde e o barão de Lavos de Abel Botelho, apresentavam os homossexuais como bi-sexuais. Bom-Crioulo é um dos primeiros personagens na história da literatura a aproximar-se do modelo moderno do homossexual masculino como alguém atraído apenas a indivíduos do mesmo sexo. Este é um dos aspectos mais inovadores do romance e pode ser baseado no conceito do homossexual congênito desenvolvido por Krafft-Ebing, embora Caminha não usasse este termo. Aleixo pode ser interpretado como um exemplo da homossexualidade adquirida, representando o outro lado da teoria. Krafft-Ebing e Moll reconheceram que muitos homossexuais tinham uma aparência masculina, vinham de todas as classes sociais e levavam uma vida aparentemente normal, como Bom-Crioulo. Também reconheceram uma distinção entre gênero e sexualidade, e através dos seus estudos mostraram que esses elementos podiam mudar através do tempo. O uso que Caminha faz dessa distinção fornece um dos elementos mais dinâmicos do romance. A estrutura do relacionamento está baseada na pederastia grega mas tem aspectos significantes moldados pelas teorias médicas contemporâneas, visto que o romance se apoia nas duas grandes linhas que formavam as ideias de homossexualidade no século dezanove: a cultura clássica e a pesquisa científica (BRISTOW, 1998).

Em seu influente estudo das relações homossexuais na literatura inglesa, *Between Men*, Eve Kosofsky Sedgwick (1985) nota a importância do triângulo erótico baseado nas relações assimétricas de gênero e classe, no qual homens rivais definem suas relações a partir do corpo duma mulher. Caminha também baseou seu romance num triângulo erótico, mas, escrevendo numa cultura diferente, empregou simetrias e assimetrias diferentes. A rivalidade em *Bom-Crioulo* é entre um homem e uma mulher pelo corpo de um adolescente masculino. Superficialmente, esta rivalidade é apresentada através de uma série de binários opostos: homem/mulher, masculino/feminino, homossexual/heterossexual e branco/negro. Num exame mais detalhado, contudo, rapidamente achamos que a maioria destas oposições têm uma tendência a fundir-se, produzindo deslizamentos significantes na descrição do gênero e sexualidade. Bom-Crioulo é retratado do começo ao fim como masculino e não como um efeminado, demonstrando um empenho deliberado de se comportar como um homem e com os tradicionais atributos de masculinidade: força física, coragem e violência. Sua rival, no entanto, não é a encarnação da femininidade: gorda e de meia-idade, Dona Carolina é comparada a "uma grande corveta bojuda" (p. 59) e a uma vaca do campo que só faltava

urrar (p. 47). Ela não é o oposto de Bom-Crioulo, é sua reflexão. Caminha usa a mesma frase em diferentes momentos para descrever sua solidão: "pobre cadela/cão sem dono" (p. 35, 61) e os dois personagens mostram a mesma hesitação breve antes de seduzir Aleixo, lembrando que ele é pouco mais que uma criança. Num eco da homossexualidade de Bom-Crioulo, Dona Carolina é descrita como um exemplo de "hermafroditismo" (p. 59). Além disso, as relações assimétricas de poder baseadas no gênero são extraordinariamente atenuadas: a masculinidade de Bom-Crioulo é diminuída pela sua submissão à disciplina naval e pelo preconceito racial, ao passo que Dona Carolina se esforça para manter a sua independência de ação como uma mulher solteira com seus próprios recursos.

As assimetrias do poder são mais claramente mostradas no retrato do adolescente masculino Aleixo, onde as relações entre gênero e sexualidade são sutilmente contrastadas. No início do romance, os encantos de Aleixo são repetidamente comparados com os de uma mulher mas o efeito é fazê-lo parecer feminino mais que efeminado. Ele é o mais dinâmico dos três personagens principais. Durante o romance, passa do complacente parceiro passivo numa relação homossexual para o papel ativo numa relação heterossexual. Esse desenvolvimento na sexualidade e no papel de gênero de Aleixo muda as relações de poder entre os personagens do romance, modificando as suas emoções cambiantes. Essas são descritas utilizando o discurso da escravidão, o que levanta questões de poder e raça. Porque ao passo que o gênero e a sexualidade são apresentados de uma maneira fluida e dinâmica, a raça não é. O contraste racial aparece nitidamente em termos de negro e branco. Bom-Crioulo é identificado somaticamente como "o negro" em vez de "o pederasta". Caminha enfatiza a negritude de Bom-Crioulo e a brancura de Aleixo, enquanto a maioria dos personagens civis são portugueses e portanto brancos. Além de mais, há uma surpreendente falta de mulatos que são restritos a alguns personagens secundários entre os marinheiros. Esta é uma estranha omissão numa obra que trata duma relação sexual inter-racial numa sociedade onde a estrutura social e a cultura são permeadas pela miscegenação.

A representação literária da miscegenação não era tabu. Quatorze anos antes em *O Mulato*, Aluisio Azevedo tinha contado um relacionamento amoroso entre um mulato e uma garota branca, incluindo relações sexuais entre os dois. O romance gira em torno do conflito tradicional entre amor romântico e pressão familiar, mediado através do preconceito racial. Azevedo nos dá o retrato de um mulato que pode passar por branco, com qualidades humanas e sociais que atraem a simpatia do leitor. A questão da miscegenação é apresentada em dois níveis: através do preconceito contra Raimundo, que o romance explicitamente condena, e da gravidez de Ana Rosa, a qual levanta a hipótese da introdução de sangue negro numa família branca. Azevedo não desenvolve esta questão, que deve ter sido embaraçosa para seus leitores de classe média, optando pela saída pragmática de fazer o bebê abortar. Há uma evasão similar em *Bom-Crioulo* mas numa escala maior. O romance de Azevedo está centrado na família e trata tanto de classe como do preconceito racial, visto que parte da hostilidade contra Raimundo deriva do fato que ele tinha nascido como escravo e é motivada pelo antagonismo para com os mulatos em ascensão social. O conceito de Caminha é mais ousado, mostrando uma relação sexual envolvendo um puro negro ao invés de um mulato claro. Além disso, em vez duma família burguesa, ele escolheu dois personagens representantes da classe pobre, a qual seria responsável pela futura composição racial da maioria da população brasileira.

Na altura da abolição da escravidão em 1888, as correntes intelectuais que chegavam ao Brasil da Europa e dos Estados Unidos tinham evoluído do liberalismo humanitário do movimento anti-escravista para as teorias mais sombrias do racismo científico. O racismo científico, derivado das idéias de Gobineau, Lapouge e outros, desenvolveu-se através da segunda parte do século dezenove como uma das linhas do conjunto de idéias que formavam a teoria de degeneração. Esta foi uma teoria dinâmica que não apenas pregava a hierarquia das raças, um ponto de vista largamente difundido no século dezenove, mas também, mais controversalmente, afirmava que os efeitos a longo prazo da miscegenação eram nocivos. Estes argumentos tinham severas implicações para o Brasil, cuja população era na maioria de origem negra ou portuguesa (ambas consideradas pelos racistas como inferiores na hierarquia das raças) e onde a miscegenação tinha ocorrido por muitos anos em larga escala. Gobineau resumiu a ameaça sucintamente quando escreveu no *Essai*

sur l'inégalité des races humaines, publicado em 1853-55: "As sociedades morrem porque são degeneradas e por nenhuma outra razão" e "os povos degeneram apenas em consequência das várias misturas de sangue pelas quais eles passam" (p. 58, 141). Gobineau visitou o Brasil como diplomata depois da publicação do *Essai* e viu confirmados os seus receios (RAEDERS, 1934). No final do século dezenove, tais teorias impregnaram grande parte do pensamento europeu e, como Robert Young nota: "A América do Sul era sempre citada como o grande exemplo dos resultados degenerativos da mistura racial" (1995, p. 175; HALLER JR., 1971).

Estas teorias tornaram-se completamente desacreditadas durante a primeira metade do século vinte mas na década de 1890, ainda mantinham o prestígio dos centros acadêmicos da Europa e Estados Unidos de onde eram emanadas. Embora Caminha compartilhasse da admiração de sua geração pela cultura europeia, seu interesse em idéias científicas deve tê-lo alertado dessas correntes e de suas implicações para seu país num período de imperialismo agressivo e expansivo. Ele rejeitou as conclusões pessimistas da teoria da degeneração mas não podia oferecer nenhuma alternativa positiva às idéias do racismo científico sobre os efeitos nocivos da miscegenação. Uma resposta efetiva apenas tornou-se possível para os brasileiros no início do século vinte graças às pesquisas de Franz Boas em antropologia cultural e às obras de Gilberto Freyre.

Bom-Crioulo pode ser interpretado como um grito de alarme sobre a violência dos escravos negros recém libertos ou como uma advertência para a elite brasileira para não ignorar a população não-branca do país por causa de sua obsessão com a imigração branca. Caminha, no entanto, não era um porta-voz do governo ou da elite brasileira e é um erro analisar *Bom-Crioulo* como um simples tratado político. É uma obra literária por um intelectual marginalizado. A relação conflitante de Caminha com a sociedade, desde os seus primeiros dias como cadete rebelde protestando na presença do Imperador, é bem atestado pelos seus contemporâneos. Em *Bom-Crioulo*, sua posição não é normativa mas transgressiva. Ele não só descreve uma relação sexual transgressiva mas também ostensivamente ignora outros aspectos do convencionalismo social e literário. O personagem central, um ex-escravo, representa o mais baixo escalão na hierarquia social. O romance está localizado inteiramente num meio baixo e todos os personagens principais são de classe baixa. Os personagens de classe média e classe média alta, representando as tradicionais estruturas do poder (os oficiais navais e o açougueiro português), aparecem apenas na periferia do romance. Não há nenhuma heroína jovem para representar os conceitos tradicionais da feminidade. O romance está situado completamente no mundo do Outro, sem nenhum apoio reconfortante para o leitor burguês médio.

Isto explica-se pela consciência por parte de Caminha das necessidades imperiosas do desejo. Desejo sexual, amor e ciúmes são os motores que conduzem a trama em *Bom-Crioulo*, quebrando as relações de amizade e favor. O desejo sexual vai assegurar que a miscegenação continue, com consequências imprevisíveis. Portanto há o que Jonathan Dollimore (1991, p. 184) chama um deslocamento da crise e do conflito sociais para a sexualidade, ou, neste caso, de uma forma de sexualidade problemática para outra. Neste contexto, a homossexualidade começa a aparecer bem menos ameaçadora. Em certo ponto, Dona Carolina graceja que os dois amantes masculinos vão acabar tendo um bebê (p. 41), mas o leitor sabe que nenhum mulato irá resultar desta união. Contando uma relação homossexual, Caminha pode descrever um romance inter-racial em termos nítidos de branco e negro sem ter de confrontar a questão profundamente inquietante da miscegenação. Se a miscegenação mais do que a homossexualidade está sendo problematizada, fica mais fácil de ver porque o autor pode se permitir uma atitude tão relaxada sobre gênero e orientação sexual, tratados como fluídos e dinâmicos, enquanto mantém uma rígida distinção de raça.¹⁸

Para concluir, vimos que Caminha tomou uma tragédia num senso jornalístico e a refundiu na forma duma tragédia clássica. Esta tragédia pode ser lida em pelo menos três diferentes níveis. Num nível, é uma tragédia pessoal, uma história romântica cheia de paixão, ciúmes e revanche, que podia parecer excessivamente melodramática se não fosse baseada em fatos reais. Num outro nível, é uma tragédia nacional, a tragédia da população não-branca do Brasil, abandonada pela elite branca

¹⁸ David Haberly nota a relação entre homossexualidade e miscegenação em *Bom-Crioulo* mas não desenvolve o tema (1983, 169).

em favor da imigração europeia, com poucas possibilidades de redenção pela miscegenação e pronta para reagir com violência. Num terceiro nível, é a tragédia do seu autor, preso entre a admiração da sua geração pela cultura europeia e a consciência das implicações perigosas para seu próprio país. O uso da homossexualidade neste contexto não foi sem consequências, no entanto, porque a homossexualidade veio com a sua própria bagagem emocional. Caminha devia ter adquirido na Marinha uma atitude mais tolerante para com a homossexualidade mas os críticos certamente não concordavam com este ponto de vista. A violenta reação deles contrastou com a recepção mais moderada pelos críticos portugueses de *O Barão de Lavos* de Abel Botelho, com seu fim convencional e moralista. *Bom-Crioulo* não ofereceu nenhuma interpretação reconfortante por causa do seu meio social baixo e a sua estrutura trágica, convidando mais para a reflexão do que a moralização. Foi este último elemento, em particular, que causou tanta dificuldade. Conforme as condições exigidas por Aristóteles para a tragédia, o desfecho não devia ser ocasionado pela devassidão mas por algum grande erro da parte do herói. Os críticos evidentemente consideravam a homossexualidade como devassidão. *Bom-Crioulo* não foi interpretado, portanto, como uma tragédia e, no lugar das elevadas emoções aristotelianas de pesar e medo, o romance provocou as reações homofóbicas de nojo e ódio, efetivamente destruindo suas chances de ser tomado de maneira mais séria.

Bom-Crioulo é a história de um homossexual negro de baixa classe narrada por um heterossexual branco de classe média. Por muito que Caminha simpatizasse por seu herói, o romance é sempre a visão de um estranho. O livro está baseado em fontes impressas, principalmente européias, e observações pessoais do autor da vida a bordo. Não faz nenhuma referência direta à subcultura homossexual contemporânea do Rio de Janeiro (GREEN, 1999) e, depois de ser redescoberto na década de 1940, entrou na história da literatura brasileira como um romance naturalista. O romance não foi apropriado pelo movimento gay brasileiro e ainda não forma parte da literatura gay internacional. Publicado em 1895, *Bom-Crioulo* coincide cronologicamente com o período crítico identificado pelos historiadores homossexuais envolvidos no debate entre essencialistas (que argumentam que os homossexuais tem sempre existido como minoria) e os construcionistas históricos ou sociais (que acreditam que a identidade homossexual moderna foi criada pelo discurso e teorias medico-legais do final do século dezanove) (NORTON, 1997; WEEKS, 1991). Há material para os dois pontos de vista. O romance é evidentemente uma das numerosas publicações inspiradas pelo desenvolvimento do pensamento científico da época, ao qual Caminha se refere em "Um Livro Condenado". Por outro lado, aproveita-se também do modelo muito mais antigo da pederastia clássica. A homossexualidade de Bom-Crioulo surge como algo determinado, sem nenhuma tentativa de explicação, ao passo que a homossexualidade circunstancial de Aleixo é construída por Bom-Crioulo e desconstruída por Dona Carolina durante o romance.

Escrito numa época de transição social e incerteza política, *Bom-Crioulo* não dá nenhuma resposta clara para as questões que levanta. Baseado num drama homossexual da vida real, inspira-se tanto nos preceitos da literatura clássica como nas teorias científicas contemporâneas para alcançar seus objetivos estéticos. A trama é dirigida pelas emoções humanas universais de amor, desejo e ciúme mas o romance é firmemente arraizado no Brasil quase contemporâneo, introduzindo a homossexualidade como um novo e controverso tema literário. *Bom-Crioulo* aponta para a importância da degeneração como uma teoria dinâmica de mudança social, despertando inquietude no contexto brasileiro. Embora criticando essa teoria, o romance não oferece nenhuma mensagem óbvia mas uma ambiguidade enigmática. Esta é uma das suas virtudes como obra de literatura. *Bom-Crioulo* é uma obra não de propaganda simples nem de desespero, mas de perplexidade.¹⁹

¹⁹ Ver também o artigo de M. Elizabeth GINWAY(1998) e a tese de Leonardo Pinto MENDES (1998) para interpretações alternativas.

Agradecimentos

Este artigo é dedicado à memória de João Antônio de Souza Mascarenhas (1927-1998): sem a ajuda dele, teria sido impossível escrevê-lo. Também desejo agradecer as pessoas seguintes que me ajudaram com fotocópias e conselhos: Professores Maria Leticia Guedes Alcoforado, Sânzio de Azevedo, John Gledson, James N. Green e Alan Sinfield, e Elias Ribeiro de Castro.

REFERÊNCIAS

- ALCOFORADO, Maria Leticia Guedes. *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha e a França. *Revista de Letras*, São Paulo, 28: 85-93, 1988.
- ALMEIDA, Pires de. *Homossexualismo: a libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.
- ARISTÓTELES. *Aristotle's Poetics*. Trans. James Hutton. New York: W.W.Norton, 1982.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Ed. Dirce Côrtes Riedel. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [s.d.].
- _____. *O mulato*. Ed. Dirce Côrtes Riedel. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [s.d.].
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites, século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- AZEVEDO, Sânzio de. *Adolfo Caminha: vida e obra*. 2.ed. Fortaleza: UFC Edições, 1999.
- BARBOSA, Raul de Sá. *Introduction to Bom-Crioulo: the black man and the cabin boy*. Trad. E.A. Lacey. San Francisco: Gay Sunshine, 1982.
- BEATTIE, Peter. *Conflicting Penile Codes: Modern Masculinity and Sodomy in the Brazilian Military, 1860-1916*. In BALDERSTON, Daniel; GUY, Donna J., eds. *Sex and sexuality in Latin America*. New York: New York University Press, 1997. p. 65-85.
- BELL, Aubrey F.G. *Portuguese literature*. Reimpr., Oxford: Clarendon Press, [1922] 1970.
- BOTELHO, Abel. *O Barão de Lavos (Patologia Social)*. Ed. Justino Mendes de Almeida. Porto: Lello & Irmão, 1982.
- BRACKETT, Ethan Samuel. *Erasing boundaries: construction of gender and race in Adolfo Caminha's Bom-Crioulo*. 71 f. Dissertação (Bacharelado em História e Literatura) Harvard College, Cambridge, Mass., 1994.
- BRADLEY, A.C. *Shakespearean tragedy: lectures on Hamlet, Othello, King Lear, Macbeth*. 2.a ed., Reimpr., New York: St Martin's Press, [1905] 1978.
- BRISTOW, Joseph. *Symonds's History, Ellis's Heredity: sexual inversion*. In BLAND, Lucy; DOAN, Laura, eds. *Sexology in culture: labelling bodies and desires*. Cambridge: Polity, 1998. p. 79-99.
- BROOKSHAW, David. *Race and color in Brazilian literature*. Metuchen, N.J.: Scarecrow, 1986.
- BUENO, Eva Paulino. *Caminha, Adolfo*. In FOSTER, David William, ed. *Latin American writers on gay and lesbian themes: A Bio-critical sourcebook*. Westport, Conn.: Greenwood, 1994. p. 94-100.
- CAMINHA, Adolfo. *Judith e lágrimas de um crente: Contos*. Rio de Janeiro: Typ. da Escola de Serafim José Alves, 1887.
- _____. *Bom-Crioulo*. Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães-Editor, 1895a.
- _____. *Cartas Litterarias*. Rio de Janeiro, 1895b.
- _____. *Um Livro Condemnado. A nova revista*, Rio de Janeiro, v. I, n. 2, p. 40-42, fev. 1896.
- _____. *A Última Lição. Ficção*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 24, p. 72-77, dez. 1977.
- _____. *A normalista*. Ed. Sabóia Ribeiro. 6.ed. São Paulo: Ática, 1978.
- _____. *Tentação; No país dos ianques*. Ed. Sânzio de Azevedo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- _____. *Bom-Crioulo: The black man and the cabin boy*. Trad. E.A. Lacey. San Francisco: Gay Sunshine, 1982.
- _____. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *Bom-Crioulo*. Trad. Luis Zapata. México: Posada, 1987.
- _____. *Tropische Nächte*. Trad. Rui Magone. Berlin: Bruno Gmünder, 1994.
- _____. *Rue de la Miséricorde (Bom-Crioulo)*. Trad. Maryvonne Lapouge Pettorelli. Paris: Métailié, 1996.
- CASTRO, Elias Ribeiro de. *No limiar do permitido: uma introdução ao espírito carnavalesco do romance de Adolfo Caminha*. 95 f. Trabalho apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1997.
- CASTRO, Francisco José Viveiros de. *Attentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto Sexual*. 2.a ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1932.

- COHEN, Ed. *Talk on the Wilde Side: Toward a Genealogy of a Discourse on Male Sexualities*. New York: Routledge, 1993.
- DOLLMORE, Jonathan. *Sexual dissidence: Augustine to Wilde, Freud to Foucault*. Oxford: Clarendon Press, 1991.
- DOVER, K.J. *Greek homosexuality*. London: Duckworth, 1978.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro, 1840-1890*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FOSTER, David William. *Gay and lesbian themes in Latin American writing*. Austin: University of Texas Press, 1991.
- FRY, Peter. Léonie, Pombinha, Amaro e Aleixo: Prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas. In *Caminhos Cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 33-51.
- GINWAY, M. Elizabeth. Nation Building and Heroic Undoing: Myth and Ideology in *Bom-Crioulo*. *Modern Language Studies*, v. 28, n. 3, p. 41-56, Fall 1998.
- GOBINEAU. *Selected political writings*. Ed. Michael D. Biddiss. London: Jonathan Cape, 1970.
- GREEN, James N. [2000]. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 541 p.
- GREENSLADE, William. *Degeneration, culture and the novel, 1880-1940*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- HABERLY, David T. *Three sad races: raestamos de carroial identity and national consciousness in Brazilian literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- HALLER JR., John S. *Outcasts from evolution: scientific attitudes of racial inferiority, 1859-1900*. Urbana: University of Illinois Press, 1971.
- JUREMA, Moacyr. Bibliographia: 'Cartas Litterarias' por Adolpho Caminha, *O Pão*, v. II, n. 25, p. 5, 1 Out. 1895. In AZEVEDO, Sâncio de, (ed). *O Pão da Padaria Espiritual*. Ed. Fac-similar, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Academia Cearense de Letras, Prefeitura Municipal de Fortaleza, [1895] 1982.
- KING, Jeannette. *Tragedy in the victorian novel: theory and practice in the novels of George Eliot, Thomas Hardy and Henry James*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia sexualis, with especial reference to the Antipathic Sexual Instinct: A Medico-Forensic Study*. Trad. Franklin S. Klaf. New York: Stein and Day, 1978.
- LACERDA, Maurício Caminha de. Entrevista no *Jornal de Letras*, n. 59, maio 1954. Republicado em LUZ, Joaquim Vieira da, Fran Paxeco e as Figuras Maranhenses, Rio de Janeiro, 1957. p. 167-169.
- LEAL, Ferreira. *Um homem gasto: episódio da história social do século XIX*. Estudo Naturalista por L.L. 2a.ed. Rio de Janeiro: Matheus, Costa, 1885.
- LÉO. Adolpho Caminha. *Don Quixote*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 78, p. 3, 6, 9 jan. 1897.
- LOOS, Dorothy Scott. *The naturalistic novel of Brazil*. New York: Hispanic Institute in the US, 1963.
- LUCAS, Bernardo. *A loucura perante a lei penal: estudo médico-legal dos delinquentes a proposito do crime de Marinho da Cruz*. Porto: Barros, 1887.
- LUZ, Joaquim Vieira da. 1957. Fran Paxeco e Adolfo Caminha. In LUZ, Joaquim Vieira da. *Fran Paxeco e as Figuras Maranhenses*. Rio de Janeiro, 1957. p. 165-170.
- MAGALHÃES, Adelino. *O Bom Creoulo* de Adolpho Caminha. *Revista Souza Cruz*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 37, sem pág. jan. 1920.
- MAGALHÃES, Valentim. Semana Litteraria. *A Noticia*, Rio de Janeiro, p. 1, 20-21 nov. 1895.
- MARSAN, Hugo. Le gay Othello. *Le Monde des livres*, Paris, p. III. 26 jan. 1996.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. v. 4, 1877-1896. 2.ed., São Paulo: Cultrix, 1979.
- MATTOS, Julio de. *La pazzia: studio clinico in rapporto alle principali questioni di diritto civile e penale*. Traduzione dal portoghese. Torino: Fratelli Bocca, 1890.
- MENDES, Leonardo Pinto. *O retrato do imperador: negociação e sexualidade no romance naturalista brasileiro*. 265 f. Dissertação (Doutorado), Faculty of the Graduate School, University of Texas at Austin, 1998.
- MENEZES, Lená Medeiros de. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- MENEZES, Raimundo de. Adolfo Caminha, Esse Desconhecido. In CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. 3.ed. São Paulo: Jornal dos Livros, 1950. p. 5-14.
- _____. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2.a ed., Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MERRICK, Jeffrey; RAGAN JR., Bryant T. eds. *Homosexuality in Modern France*. New York: Oxford University Press, 1996.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção, de 1870 a 1920*. 3.a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

- MOLL, A. *Les perversions de l'instinct génital. Étude sur l'inversion sexuelle*. 4. ed. Paris: Georges Carré, 1893.
- MONTEIRO, Arlindo Camillo. *Amor Sáfico e Socrático*. Lisboa: Instituto de Medicina Legal de Lisboa, 1922.
- MOREL, B.A. *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine*. Paris: J.B.Baillière, 1857.
- NALBANTIAN, Suzanne. *Seeds of Decadence in the Late Nineteenth-Century Novel: a crisis in values*. London: Macmillan, 1983.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NORDAU, Max. *Degeneration*. Trad. George L. Mosse. Lincoln: University of Nebraska Press, 1993.
- NORTON, Rictor. *The myth of the modern homosexual: queer history and the search for cultural unity*. London: Cassell, 1997.
- NYE, Robert A. *Crime, madness, & politics in modern France: the medical concept of National Decline*. Princeton: Princeton University Press, 1984.
- PACHECO, Francisco. Traços Bibliográficos. *Arcadia: Revista d'Arte*, Rio de Janeiro, Fasc. III, v. I, p. 45-47, nov. 1895.
- PAPI JUNIOR. *Adolpho Caminha e a sua obra litteraria, pronunciado na sessão commemorativa do centro litterario em 8 de Fevereiro de 1897*. [Fortaleza, 1897].
- PENALVA, Gastão. Adolfo Caminha. In PENALVA, Gastão. *Subsídios para a história marítima do Brasil*. v. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1939.
- PESSOA, Frota. 1902. Adolpho Caminha, 1867-1897. In PESSOA, Frota. *Crítica e polémica*. Rio de Janeiro: Arthur Gurgulino. p. 215-233.
- PICK, Daniel. *Faces of degeneration: A european disorder, c.1848-c.1918*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- PINTO, Silva. *O caso de Marinho da Cruz: carta a sua Alteza Real o principe regente*. Lisboa: Typographia da Viuva Sousa Neves, 1888.
- POMPÉIA, Raul. *O Atheneu: chronicas de saudades*. Reimpr., Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, [1888] 1995.
- PYKETT, Lyn, ed. *Reading Fin de Siècle fictions*. London: Longman, 1996.
- QUEIROZ, Eça de. *O Crime do Padre Amaro: cenas da vida devota*. Lisboa: Livros do Brasil, [n.d.].
- RAEDERS, Georges. *Le comte de Gobineau au Brésil*. Paris: Nouvelles Éditions Latines, 1934.
- RIBEIRO, Saboia. *Roteiro de Adolfo Caminha*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.
- _____. *O romancista Adolfo Caminha, 1867-1967: em comemoração do seu centenário*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1967.
- RIBEIRO, Thomaz. *Apontamentos da célebre causa criminal de Marinho da Cruz*, 1.a Parte. Ed. Fernão Botto. Lisboa, [1886].
- ROSARIO, Vernon A., ed. *Science and homosexualities*. New York: Routledge, 1997.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 2. ed., São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1981.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between men: English literature and male homosocial desire*. New York: Columbia University Press, 1985.
- SINFIELD, Alan. *The Wilde century: effeminacy, Oscar Wilde and the queer moment*. London: Cassell, 1994.
- SMITH, Roger. *Trial by medicine: insanity and responsibility in victorian trials*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1981.
- SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, ilhoas, polacas... a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Ática, 1992.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua historia: o naturalismo*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984.
- TARDIEU, Ambroise. *Étude médico-légale sur les attentats aux moeurs*. 7. ed. Paris: J.-B. Baillière, 1878.
- VIEIRA, Nelson H. *Brasil e Portugal: a imagem recíproca: o mito e a realidade na expressão literária*. Lisboa: ICALP, 1991.
- VILLANUEVO-COLLADO, Alfredo. Homoerotic, Heteroracial Relationships in the Latin American Naturalist Novel: *Bom-Crioulo* and *hombres sin mujer*. *RLA: romance languages annual*, West Lafayette, In., v. 7, p. 647-652, 1995.
- WEEKS, Jeffrey. *Against nature: essays on history, sexuality and identity*. London: Rivers Oradm, 1991.
- WHITE, David. Review of *Bom-Crioulo*, trad. E.A. Lacey. *Library Journal*, v. 107, n. 17, p. 1893-1894, 1 out. 1982.
- YOUNG, Robert J.C. *Colonial desire: hybridity in theory, culture and race*. London: Routledge, 1995.